



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

ALYRIAN CAROLINA DA SILVA DUARTE

**JOGOS E BRINCADEIRAS:
O uso da ludicidade no ensino étnico-racial**

**GUARABIRA - PB
2019**

ALYRIAN CAROLINA DA SILVA DUARTE

JOGOS E BRINCADEIRAS: O uso da ludicidade no ensino étnico-racial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração:
Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Orientadora: Prof. Ms^a. SHEILA GOMES DE MELO

**GUARABIRA/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D812] Duarte, Alyrian Carolina da Silva.
Jogos e brincadeiras [manuscrito] : O uso da ludicidade no ensino étnico-racial / Alyrian Carolina da Silva Duarte. - 2019.
43 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Sheila Gomes de Melo ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Prática Pedagógica. 2. Ludicidade. 3. Lei 10. 4. 639/03.
5. Lei 10639/03. 6. Educação Étnico-racial. I. Título
21. ed. CDD 371.397

ALYRIAN CAROLINA DA SILVA DUARTE

JOGOS E BRINCADEIRAS: O uso da ludicidade no ensino étnico-racial.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Aprovada em: 28/11/19.

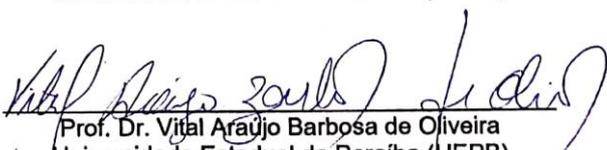
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ms^a. Sheila Gomes de Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ms^a. Francineide Batista de Souza Pedrosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Primeiramente a Deus, por ter me concedido forças e perseverança para a conclusão deste sonho. A minha mãe Miriam da Silva Lira que sempre foi minha base de inspiração profissional.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo seu amor infinito, pelas bênçãos, saúde, esperança, foco e fé nessa longa jornada.

Aos meus pais Miriam da Silva Lira e Luiz Antônio Duarte Lira que me apoiaram com palavras de incentivo por todo amor, pela educação que me deram. Obrigada por sempre estarem comigo nos bons e maus momentos e por confiarem em meus esforços e em minhas dedicações.

Ao meu irmão Anderson Matheus da Silva Duarte por todo carinho e por acreditar nos meus sonhos.

Ao meu esposo José Jonas Pereira Nogueira por todo companheirismo e amor. Obrigada por estar ao meu lado e por ser um grande parceiro.

A minha família, que serviu de inspiração para a conclusão do meu curso.

Aos professores do curso de pedagogia que colaboraram com minha formação acadêmica. Muito obrigada por toda dedicação e paciência em especial a minha querida professora e orientadora Sheila Gomes de Melo, sou grata por suas orientações, compreensão e por sua amizade.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade, apoio e companheirismo, por todas as trocas de aprendizagem e juntos vencemos esta etapa gratificante que foi nossa graduação.

A todos o meu obrigada!

Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.

(VYGOTSKY, 1988)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a importância dos jogos e brincadeiras para a promoção da diversidade étnica no espaço escolar, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e reutilização deste método lúdico para a afetividade e coletividade. Este estudo partiu de uma experiência no estágio supervisionado percebendo a necessidade de pesquisar o papel do professor e suas práticas no combate ao racismo através da ludicidade na educação infantil. A pesquisa foi desenvolvida em uma creche localizada na cidade de Lagoa de Dentro-PB. Como sujeitos da pesquisa tiveram os/as estudantes do pré II desta instituição. Este trabalho está fundamentado em alguns teóricos como: Munanga (2005), Santos (1990), Santomé (2009), Mattoso (1982), Tobias (1972), Moacy (1940), Comas (1970), Ribeiro (1995), Beato (1998), Freire (1987), Fonseca (2002). A pesquisa desenvolvida foi a “pesquisa ação” nela foi aplicado atividades de conscientização aos alunos através da ludicidade. A mesma proporcionou ao pesquisador a reflexão da ação docente e a construção de identidade da criança, foi um momento de grande aprendizado, pois os resultados desta pesquisa foram de suma importância, visto que ocorreu de forma positiva e satisfatória, quebrando assim todo paradigma de racismo. Podemos perceber ao final do trabalho o quanto a escola pode influenciar no desenvolvimento étnico e cultural das crianças, mostrando-as não só os conteúdos didáticos, mas, também conteúdos que irão levar para toda sua vida em sociedade e isso sendo passado através do ensino lúdico, importante ferramenta para o aprendizado infantil.

Palavras-Chave: Ludicidade. Lei 10.639/03. Educação étnico-racial. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The present work aims to understand the importance of games and recreational activities for the promotion of ethnic diversity in the school space, contributing to the deconstruction of prejudice and reuse of this method for the development of affectivity and collectivity. This study started from an experience in supervised internship realizing the need to research the teacher's role and practices in the fight against racism through playfulness in early childhood education. It was developed in a Nursery school located in the city of Lagoa de Dentro-PB. As subjects of the research we had the students of the kindergarten of this institution. This work is based on some theorists such as: Munanga (2005), Santos (1990), Santomé (2009), Mattoso (1982), Tobias (1972), Moacy (1940), Comas (1970), Ribeiro (1995), Beato (1998), Freire (1987). The research developed was the "action research" having as theorist Fonseca (2002). It was applied awareness activities to the students through playfulness. The same provided the researcher with the reflection of the teaching action and the construction of the child's identity. It was a moment of great learning, because the results of this research were of great importance, since it occurred in a positive and satisfactory way, thus breaking every paradigm of racism. We can see until the end of the work or how much the school can influence the ethnic and cultural development of children, showing us how not only the didactic contents, but also the contents that can lead to their whole life in society and this after teaching. school, important tool for child learning.

Keywords: Ludicity. Law 10,639 / 03. Ethnic-racial education. Pedagogical practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA 1	LEITURA DELEITE: MENINA BONITA DO LAÇO.....	29
FIGURA 2	LEITURA DELEITE: MENINA BONITA DO LAÇO.....	29
FIGURA 3	LEITURA DELEITE: MENINA BONITA DO LAÇO.....	29
FIGURA 4	LEITURA DELEITE: MENINA BONITA DO LAÇO.....	29
FIGURA 5	CONFECÇÃO DA BONECA DE PAPEL.....	30
FIGURA 6	CONFECÇÃO DA BONECA DE PAPEL.....	30
FIGURA 7	CONFECÇÃO DA BONECA DE PAPEL.....	30
FIGURA 8	CONFECÇÃO DA BONECA DE PAPEL.....	30
FIGURA 9	CONFECÇÃO DA BONECA DE PAPEL.....	31
FIGURA 10	CONFECÇÃO DA BONECA DE PAPEL.....	31
FIGURA 11	EXPONDO A SUA ATIVIDADE.....	31
FIGURA 12	APRESENTANDO O MAPA DO BRASIL, SUA REGIÕES E SUA DIVERSIDADE RACIAL E CULTURAL.....	33
FIGURA 13	APRESENTANDO O MAPA DO BRASIL, SUA REGIÕES E SUA DIVERSIDADE RACIAL E CULTURAL.....	33
FIGURA 14	BRINCANDO COM O JOGO DA MEMORIA.....	33
FIGURA 15	BRINCANDO COM O JOGO DA MEMORIA.....	33
FIGURA 16	BRINCANDO COM O JOGO DA MEMORIA.....	33
FIGURA 17	BRINCANDO COM O JOGO DA MEMORIA.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2. MARCO HISTÓRICO: A EDUCAÇÃO DOS NEGROS	15
2.1 LEI 10.639/03	18
3. RACISMO NA ESCOLA	19
3.1 A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS	21
3.2 O PAPEL DO PROFESSOR NA PRÁTICA ETNORACIAL	23
4. METODOLOGIA	25
4.1 CARACTERIZAÇÕES DO CAMPO DE PESQUISA E SUJEITOS	26
4.2. ETAPAS E PROCEDIMENTOS	26
4.3. ANÁLISES DE DADOS	28
4.3.1. Primeira etapa	28
4.3.2. Segunda etapa	30
4.3.3. Terceira etapa	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
APÊNDICE	38
APÊNDICE I – Plano de Aula	39
ANEXO	40
ANEXO I - Capa do livro usado na aula	41
ANEXO I – Capa do livro usado na aula	42

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se justifica com o propósito de tornar as aulas centradas na ludicidade e no respeito ao próximo, havendo assim a reflexão das crianças e do papel do educador que desempenha ação da conscientização, permitindo por meio deste recurso facilitar a aprendizagem, buscando as experiências positivas e negativas de sua prática pedagógica, contribuindo assim no resgate da cultura e resultando na aquisição da aprendizagem.

A ludicidade promove na criança um momento prazeroso de uma maneira que a mesma solta sua imaginação e expressa seus sentimentos ao desenvolver habilidades de socialização. Com essa metodologia o professor interage com seu alunado e transmite o assunto a ser abordado de forma interativa desenvolvendo neles o senso crítico e a compreensão do conteúdo trabalhado de forma clara e lúdica.

Estudos apontam que a diversidade étnico-racial é construída na criança desde seu nascimento no que diz respeito a desvalorização das pessoas de cor negra, com isto, esta realidade sai de casa com as crianças e chegam até a escola e lá os colegas sofrem com apelidos, agressões verbais e até física, dessa forma essas práticas tornam-se frequentes, a escola deve intervir nesta ideia de desigualdade e contribuir para a conscientização do preconceito étnico-racial, reivindicar por uma educação de respeito e incluir um critério primordial visto que todos os seres são diferentes.

A escola tem a obrigação de contribuir para um resgate de igualdade, igualdade está no qual todos têm direitos e deveres que todos precisam de respeito, para isso a instituição aplica em seu trabalho educacional a ludicidade de forma peculiar para que tenha um entendimento centrado no respeito e nas diferenças culturais. Segundo Santomé (2009) explicita, nas escolas brasileiras os conteúdos tradicionais das culturas hegemônicas são tomados como o centro de ensino, enquanto as culturas das minorias são silenciadas ou relegadas aos “termos transversais”.

É através do brincar que as práticas de preconceito e racismo passam a ter um esclarecimento, pois os alunos ficam motivados no brincar no qual eles aprendem dentro deste tempo, a importância de identificar a história e a cultura

dos negros que até hoje vivem numa realidade triste diante de uma sociedade preconceituosa.

Ao analisar a criança durante sua ida a escola percebe-se que a mesma encontra diferença e semelhança entre o grupo de convivência; ao brincar por ter um brinquedo favorito, no coleguinha por ter uma cor diferente da dele ou porque os pais acham viável ela se relacionar com aqueles que pertencem a sua classe social, por este motivo surge a questão: até que ponto a diversidade étnico-racial é trabalhada em sala de aula para que haja uma compreensão teórica através da ludicidade?

Este trabalho tem por objetivo compreender a importância dos jogos e brincadeiras para a promoção da diversidade étnica no espaço escolar, contribuindo para a desconstrução de preconceitos. Os objetivos específicos desta pesquisa são: identificar e reconhecer as regras de convivência e respeito; mostrar a importância da ludicidade em sala de aula como objeto de transformação social; descrever as experiências adquiridas no projeto através dos relatos dos alunos; analisar a importância do respeito com as pessoas para ter uma vivência harmoniosa no seu ambiente de convívio.

Ao analisar os motivos que leva a este estudo, é importante reconhecer a igualdade, pois através da ludicidade que contribuímos para a contextualização que levará a este alunado a compreensão dos valores, do respeito, superar as diferenças e aceitação ao próximo. Cabe ao educador estabelecer relações sociais para que haja particularidade e aprendizagem significativa, o mesmo também poderá promover o contato das crianças com diferente grupo social e cultural, com outros modos de vida, atitudes diferentes, técnicas e rituais de cuidado pessoal e do grupo, costumes e narrativas. Nessas experiências elas possam ampliar modos de perceber a si e aos outros, valores de sua identidade, respeito com outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.

Caberá aos educandos/as identificar e reconhecer as regras de convivência e respeito, descrever suas atividades de experiências adquiridas no projeto através das análises da importância do respeito com as pessoas para ter uma vivência harmoniosa no seu ambiente de convívio social.

O recorte primordial para esta linha de pesquisa: Diversidade étnico-racial → Racismo → Racismo na escola → Ludicidade → Prática pedagógica.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos: O primeiro a introdução; o segundo capítulo traz o marco histórico da educação dos negros, que foi marcada por muitas lutas desde o período da escravatura até a liberdade dos escravos e a ida dos negros à escola, no mesmo capítulo é apresentado a Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana de Nº 10.639/03; o terceiro é voltado para o conceito de racismo e racismo na escola, ainda neste capítulo encontramos a importância dos jogos e brincadeiras no processo de aprendizagem como ferramenta para a formação e construção de uma sociedade menos preconceituosa e por fim o papel do professor na sua prática; no quarto capítulo mostraremos os métodos desta pesquisa, a caracterização do campo de pesquisa e sujeito, as etapas, os procedimentos bem como a análise de dados, finalizando com a conclusão deste trabalho.

2. MARCO HISTÓRICO: A EDUCAÇÃO DOS NEGROS

Segundo estudos feitos na história, à relação de convívio dos senhores donos de engenhos com os/as negros (as) escravizados foram baseadas na valorização da violência física diante de uma condição de trabalho explorador. Na citação abaixo vemos um conceito um tanto quanto oposto ao que entendemos por escravidão. A autora cita a relação de respeito e afetividade entre os senhores e seus escravos quando na verdade em meio a todo o contexto histórico que temos conhecimento, a relação que ouvimos falar entre ambos era de submissão e perversidade. Autora Mattoso (1982) descreve a escravidão da seguinte forma:

Os castigos corporais também servem para manter a ordem através do exemplo. Mas sua aplicação não fazia parte absolutamente da vida diária do escravo. Ninguém nega tenha havido senhores ou senhoras sádicas. Contudo, de modo geral, nem o senhor nem o feitor passeiam entre os escravos, chicote na mão, para repreender qualquer pecadilho. Os meios utilizados para assegurar a obediência no trabalho e a humildade nas relações com senhores são mais sutis. O senhor procura fazer os escravos ligarem-se a ele por laços afetivos, tenta, em primeiro lugar, inspirar-lhe consideração e quando o trabalho é bem feito termina por gerar um respeito mútuo. O chicote, o tronco, a máscara de ferro, ou o pelourinho, são o último recurso dos senhores incapazes de manter a disciplina. São utilizados somente em caso de inadaptação do escravo à sua condição. (MATTOSO, 1982, P.117)

Diante de tanta violência entre os senhores para com os/as escravos (as) pode-se compreender a forma demasiada e injustificável da escravidão. Com o intuito de legitimar os/as escravos (as), para justificar toda essa violência absurda os religiosos cristãos afirmavam ser um “castigo divino” para que os/as negros (as) fossem capazes de se aproximar da igreja e passassem a crer no cristianismo. Neste sentido Tobias (1972) afirma:

O negro era o escravo e, para tal fim, chegou ele no Brasil. O jesuíta foi contra a escravidão, mas não pôde vencer a sociedade da Colônia e da Metrópole que, na escravidão, baseavam sua lavoura e economia. Por isso, o negro jamais pôde ir à escola. Com dificuldade, conseguiam os missionários que, aos domingos, pudessem os escravos assistir à missa, rezada na capela dos engenhos ou em outro lugar. (TOBIAS, 1972, p. 97)

Os jesuítas acreditavam que para amenizar todo sofrimento que os/as negros (as) conviviam nos engenhos, eles pregavam o pensamento de salvação, assim os jesuítas condenavam os fazendeiros que não preservavam a saúde e nem a vida dos escravos, havendo uma discursão entre os jesuítas com os senhores donos de engenhos por não deixarem que os negros fossem catequisados, pois isto não os garantiam de ter a salvação, que para os padres isto era um afrontamento não só ao clero da igreja, mas também a Deus. Com isso a intenção dos jesuítas era modificar a vida social dos negros, articulando uma aprendizagem e pondo em ação a prática pedagógica.

Segundo a história, visto que os negros não eram aceitos como sujeitos, as críticas deram origem as interpretações de negação/rejeição, pois os mesmos foram enquadrados na história socialmente como escravos, considerados como servos para o trabalho, a palavra negro ou escravo já soava como termo de economia ativa, desse modo eles eram incorporados no sistema escravista, logo, eles não podiam ser reconhecidos como alunos para que eles não tivessem seus direitos respeitados, com o impedimento dos negros frequentarem a escola as elites afirmavam que era inapropriada a existência de negros na educação junto com as crianças da nobreza.

Segundo MOACYR,

São proibidos de frequentar as escolas públicas: 1º as pessoas que padecem de moléstias contagiosas; 2º os escravos e pretos ainda que sejam livres ou libertos. (1940, n.p.)

Mesmo tendo destacado alguns fatos históricos, percebe-se que ao longo deste estudo existe algumas lacunas em aberto no qual não deixa explicito o processo da educação dos/das negros (as) no período da escravatura, feitas outras pesquisas o que se pode notar que entre uma história e outra são encontradas a existência da exclusão, da desigualdade social, da discriminação e a retirada da cidadania.

Ser negro e mais escravo, já eram retratados com exclusão e por tanto no espaço educacional não seria diferente, pois a legislação da época proibia crianças filhos de escravos de frequentar a escola, para que essas crianças pudessem frequentar a escola era preciso provar que seus pais e a própria criança fossem escravos libertos, mesmo assim ainda havia negações das autoridades e relação à educação desses escravos libertos.

Feitas outras leituras, para que os filhos de escravos pudessem ser vendidos com os preços elevados, alguns senhores fazendeiros davam educação aos escravos com a finalidade deles aprenderem a ler e a escrever os ofícios específicos. Mas a intenção desses escravos era tornar escravos libertos para que pudessem ser inseridos na sociedade brasileira.

Falar sobre escolarização dos/das negros (as) é tratar das lutas e manifestações, que se fez presente na história da educação do negro desde o período colonial e imperial no qual seus direitos foram tomados por violência e os seus valores de intelectualidade ficaram apenas para os brancos. Os negros não tinham seus direitos reconhecidos pela sociedade brasileira, mesmo assim eles fizeram sua história e desenvolveram sua trajetória educacional, conseguindo atingir um bom nível de conhecimento e com isso criaram sua própria escola por volta de 1860, essa instituição era pública e gratuita e oferecida por pessoas com grau de escolarização.

Após a ampliação da rede de ensino público na década de 1960, os negros finalmente ingressaram nas escolas públicas tornando-se rotineira, com isso surgem dentro das salas de aula as relações raciais e discriminatórias. Diante dessas situações, as reivindicações e denúncias foram surgindo, pois, a instituição educacional excluía a cultura da população negra dos currículos escolares, para isso foi preciso incorporar leis e projetos de leis que descem dentro do currículo escolar o direito de ser trabalhada a história e a cultura negra, a fim de sensibilizar os profissionais da escola e alunos para que houvesse respeito e diversidade cultural e melhorias as relações sociais da população negra.

Apesar de tanta ignorância em relação à história da educação brasileira, se percebe a existência de um povo afro-brasileiro que lutaram para construir uma história marcada por sofrimento, preconceito, racismo, vindas de uma elite exploradora, o propósito deste tópico foi destacar alguns pontos no processo educativo dos negros até a sua chegada às escolas oficiais, no qual aborda o período da escravatura passando pelo período colonial e imperial e aos poucos na escolarização dos negros, com o intuito de que essa abordagem possa ser usada para uma reflexão a respeito do preconceito e do racismo dentro da sala de aula e contribuindo assim para a formação pessoal e cultural de educadores e educandos.

2.1 LEI 10.639/03

A lei 10.639/2003 foi criada com o objetivo de ser trabalhado em instituições de ensino, para a sociedade, professores, alunos, familiares e entre outros, o reconhecimento e a valorização da história e cultura Afro-brasileira e Africana. Esta lei estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura dos negros, o mesmo estabelece a lei 9.394/96 de acordo com o parecer de N° 3, de 10 de março de 2004 na qual busca cumprir o estabelecido na Constituição Federal nos seus Art. 5º, I, Art. 210, Art. 206, I, § 1º do Art. 242, Art. 215 e Art. 216, bem como nos Art. 26, 26 A e 79 B.

Na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos diz

Asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros. (BRASIL, 1996, on-line)

Foi grande importância ter uma lei que dá todo direito ao um povo que não tinham reconhecimento, apenas o que se sabia era o que já existia nos livros de história, no qual os negros apenas eram reconhecidos como mão de obra fácil, trazidos da África de navio pelos senhores, sem direito algum, vivendo em condições totalmente contrárias ao que se é adequado para ter uma vida digna.

A lei 10.639/03 apresenta dentro das diretrizes um novo currículo de se trabalhar em sala de aula a história e a cultura herdada dos afro-brasileiros e africanos. Cabe ao professor formular dinâmicas que possam resgatar essas culturas através de estudos aprofundados, de comidas típicas, de brincadeiras, de danças e etc., para que este profissional construa e forme uma sociedade menos preconceituosa, este sujeito terá que aprender intelectualmente a valorização dos negros brasileiros.

Vale destacar que através da lei citada foi sancionado o dia 20 de novembro como o dia da consciência negra, mais uma data para se trabalhar a importância deixada pelos negros em nosso país, buscando desconstruir todo preconceito, racismo e discriminação. Um dos desafios que os educadores se deparam são as indiferenças raciais que na maioria dos casos acaba gerando uma violência tanto verbal quanto corporal, para isso a escola deverá formular

uma campanha para tratar das diversidades raciais, culturais e entre outros, mostrando assim os valores que devem ser aplicados no processo ensino aprendizagem. Visto que houve uma construção de identidade, mesmo assim preconceitos ainda persistem em categorizar raça biológica, social e política.

3. RACISMO NA ESCOLA

O significado de racismo é discriminação, no conceito que existem em diferentes raças humanas e que uma é superior as outras. Consiste em uma atitude depreciativa e discriminatória a algum grupo social ou étnico. Como afirma Santos:

Racismo é a suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização bio-genética de fenômenos puramente sociais e culturais. E também uma modalidade de dominação ou, antes, uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da nossa espécie. Ignorância e interesses combinados, como se vê (SANTOS, 1990, p. 12).

Sabe-se que no Brasil, racismo é crime como está previsto na lei de Nº 7.719/1989 é crime inafiançável, pois quem comete o ato de racismo poderá ser preso e condenado, pois preconceito racial está ligado à homofobia, xenofobia e *bullying*.

De acordo com estudos feitos, foi no século XV que nasceu a discriminação racial, com isso sabe-se que preconceito vem de muitos anos atrás gerando sofrimento, tristezas e até mortes para os seres humanos, pelo simples fato da cor de sua pele ou pelas bagagens que traz consigo a cultura e etnias. “o racismo está depositado no mais fundo da cabeça dos homens” (SANTOS, 1984, p. 35).

O racismo é fruto de uma ideologia de dominação dos europeus, essa ideologia que ficou notória a partir do tráfico negreiro, pois, objetivo era tornar os negros e os indígenas uma mão de obra barata, por que era através da exploração que esses povos se colonizavam, gerando assim uma riqueza e poder aos brancos opressores e colonizadores.

O racismo não surgiu de uma hora para outra, foi surgindo e consolidando aos poucos, até se tornar o que chamamos de preconceito, discriminação e estereótipos.

Quando abordamos o racismo na escola não podemos deixar de associar preconceito e discriminação, pois preconceito é a ação intolerante e ignorante de uma sociedade fraca. Já a discriminação é uma ação carregada de violência, na qual provoca inúmeros constrangimentos e exclusão de pessoas, havendo assim uma negação do sujeito com a escola e conseqüentemente dificultando no desempenho escolar. Neste sentido Juan Comas afirma:

A pigmentação relativamente escura é uma marca de diferenciação que condena numerosos grupos ao desprezo, ao ostracismo e a uma posição social humilhante. O preconceito de cor é tão acentuado em certas pessoas que dá origem a fobias quase patológicas, estas não são inatas, mas refletem, de uma forma exagerada, os preconceitos do meio social. Afirmar que um homem é um ser humano inferior ao outro porque é negro é tão ridículo como sustentar que um cavalo branco será necessariamente mais ligeiro que um cavalo negro (COMAS, 1970, p. 26).

Não se pode negar que estas ações de racismo são consequência de atitudes irracionais e de grande estupidez, uma vez que os povos brasileiros são um povo mestiço, no qual está sociedade carrega experiências cheias de formações genéticas, culturais, de língua e raça. Pode-se dizer que é uma sociedade diversificada, como afirma Darcy Ribeiro

Nós brasileiros, somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos viveu por século em consciência de si... assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros... (RIBEIRO, 1995. p. 89)

Tendo o conhecimento sobre o racismo e o preconceito existente na escola, sabemos que somos herdeiros de umas ações racistas, pois ainda hoje é muito comum encontrarmos ditados populares ligados aos negros (as), pelo simples fato da cor de sua pele, dando a ideia aos racistas que ser negro é ser indigno, é ser sujo e isso é consequência desde o século XV até os dias de hoje com toda mídia a todo vapor contribuindo ainda mais para as discriminações.

Sabemos que as crianças têm um senso de percepção muito grande, e que ela consegue distinguir os diferentes comportamentos dos indivíduos que estão ao seu redor, e por consequência desse alto poder de percepção, muitas

vezes ela acaba adquirindo para si o preconceito que pessoas mais velhas que estão ao seu redor possuem em relação a cor e também a outros vários aspectos. A criança por si só, não tem a característica de ser racista, portanto, a escola através do lúdico tem uma importante ferramenta de conscientizar as crianças que esse tipo de preconceito, assim como qualquer um outro é errado.

A teoria ou ideia de que existe uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E, somados a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras (BEATO, 1998, p. 1).

Considerando que algumas escolas não estão preparadas para trabalhar o preconceito e o racismo nas salas de aula, para que os discentes tenham um conhecimento de socialização, que não é a cor de nossa pele que definirá nossa identidade e os valores que podemos desempenhar durante a nossa sociedade.

Com isso a lei 10.639/03 afirma que é obrigatoriedade de as escolas públicas e privadas trabalharem o ensino de história e cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica. Diante disso toda equipe pedagógica escolar como: educadores, gestores e entre outro tivessem uma formação continuada, para a melhoria da educação de nosso país. Sabe-se que os programas curriculares em sua maioria não ajudam as escolas a cumprir o seu papel de fortalecimento de inclusão diante de nossa sociedade.

3.1 A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

Definir o jogo com uma atividade educativa não é uma tarefa fácil, pois o jogo é uma atividade que envolve a físico e o intelectual e pode ser sistematizado por regras. Cada Jogo tem sua particularidade e sua importância, fazendo com que haja entretenimento na criança e no adulto, agregando assim ambos em um universo infantil. Da mesma forma são as brincadeiras e nelas também existem regras e ações lúdicas que permitem a criança uma total liberdade.

Trabalhar uma metodologia lúdica proporciona aprendizagem e com isso os jogos e brincadeiras são importante para a construção social de cada

criança, este recurso ajuda na compreensão de valores, o respeito ao próximo, a superação as diversidades e na aceitação ao ser diferente. A medida em que se trabalha a ludicidade em sala de aula podemos presenciar a mudança das relações entre professor/aluno e os alunos entre si pois a dinâmica proporciona novas formas de expressão de sentimento o que leva a uma maior abertura de personalidade e convivência coletiva. Assim afirma LIMA:

A criança aprende brincando e todos os conteúdos poderão ser ensinados através das brincadeiras e jogos, em atividades predominantemente lúdicas. Não existe nada que a criança precise saber que não possa ser ensinado brincando. (1986, p.23)

Por outro lado, a criança não só aprende na escola, mas como também em seu meio social, familiar, amigos e entre outros. Quando as crianças nascem elas encontram um mundo cheio de informações positivas e negativas, tal como no seu dia-a-dia, e são essas informações que constrói uma identidade caracterizada por um senso crítico de aceitação ou rejeição.

A educação não formal é aquela educação que acontece fora da escola, ou seja, uma educação adquirida no cotidiano de cada criança é as experiências que as mesmas buscam em sua realidade e expressam em forma de aprendizagem.

O ato de brincar é primordial para a construção social da criança, podendo assim despertar o prazer e a satisfação pelo desejo de aprendizagem e pela construção de experiências culturais. Essa ferramenta pedagógica tem o dever de beneficiar o desenvolvimento mental, intelectual e emocional, permitindo aos alunos meios de interação social no ato de construir/ desconstruir, de ordenar/ desordenar e assim favorecendo a aprendizagem dessas crianças. Em um de seus vários trabalhos voltados à educação, o autor Paulo Freire (1987) nos mostra no decorrer de sua obra que todo o futuro é a criança que faz pela transformação presente.

A criança quando chega à escola ela traz consigo uma bagagem educativa vivenciada no seu cotidiano, em meio às pessoas que convivem com elas. Sabendo disso é papel do docente desenvolver atividades lúdicas que chamem a atenção dessas crianças, pois é de suma importância trabalhar utilizando a metodologia do brincar, é através desse método atrativo que facilita na aprendizagem desses alunos. Para Moyles (2009, p12) “o tempo gasto

brincando com as crianças é menor do que, por exemplo, ouvindo a leitura de cada um e vice e verso”.

Com base nas leituras realizadas fica clara a importância de desenvolver as atividades lúdicas em sala de aula, pois a forma de introduzir qualquer conteúdo através da ludicidade facilita muito o desempenho da aprendizagem de cada aluno.

3.2 O PAPEL DO PROFESSOR NA PRÁTICA ETNORACIAL

Atualmente, trabalhar o ensino de história e cultura Africana e Afro-Brasileira na educação básica ainda não é uma tarefa fácil, pois os professores não estão preparados para enfrentar situação de diferença e racismo. Pois a escola é o lugar no qual recebe alunos de diferentes origens, com costumes e cultura diversificada. Por esse motivo encontramos professores desprevenidos com os desafios enfrentados em sala de aula. Como afirma MUNANGA:

[...] essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsável de amanhã”. (2005, p.15)

As escolas não devem se preocupar não só com os conteúdos didáticos que irão ser passados para seus alunos no decorrer do ano letivo, não que esse papel que a escola assume não seja importante, mas, a escola não deve permanecer só nesse ponto que já é esperado quando falamos de escola, mas ela deve se inserir em outras vertentes, e aqui citamos o social como uma de suma importância, a escola deve formar cidadãos capazes de identificar o que é certo e errado, e assim tomar suas próprias conclusões do mundo. A criança deve despertar em si o desejo de se tornar um cidadão voltado para o futuro

É dever de o professor proporcionar mudanças e desconstrução de inferioridade entre seus alunos. Com isso o docente influenciará seus discentes a construir uma nova identidade e assim essas crianças aprenderão desde cedo a identificar e a praticar práticas que irão fazer dos mesmos cidadãos comprometidos com o amanhã.

Por isso, existe a importância de trabalhar na educação infantil as questões raciais, na qual essas crianças aprendam que diante da sociedade somos todos iguais. Com o objetivo que haja a valorização dos/das negros (as) e sua cultura, o professor é a peça chave para a quebra de preconceitos trazendo para sala de aula atividades lúdicas que exija do seu aluno empenho, dedicação e oportunidade entre as crianças e o seu meio social havendo assim interação e ao mesmo tempo a reflexão sobre o planejamento de sua ação.

A ludicidade, como elemento da educação, também é passível de demonstrar a evolução humana com base em suas interações sociais, culturais e motoras, pois o homem sempre teve em seu repertório as linguagens do brincar. Assim, a ludicidade na educação dá sequência aos estudos teóricos sobre esse tema, enfocando como este tema pode fazer parte do currículo escolar, a partir da conceituação sobre o jogo, o brinquedo e a brincadeira. (RAU, 2011, p.25)

Assim, ludicidade pode ser entendida também como uma ferramenta pedagógica que oportuniza o professor detectar problemas na criança que impede o seu processo de aprendizagem, por este motivo a importância de serem trabalhadas atividades lúdicas, essas atividades ajudam a melhorar a autoestima da criança.

É de suma importância à troca de diálogo e de experiências entre professor e alunos essa prática inovadora e eficaz que é o lúdico na educação estabelece conhecimento e provoca mudanças positivas no processo de formação do indivíduo. Essas *práxis* devem ser norteadoras para estabelecer um bom convívio tranquilo e democrático, portanto a educação é indispensável para a formação de cidadãos conscientes e capaz de transformar nossa realidade mais igualitária.

4. METODOLOGIA

O método pesquisa utilizado é a pesquisa qualitativa, tendo em vista que a pesquisa qualitativa é uma metodologia que busca compreender o objeto de análise no qual estuda as particularidades de determinado assunto, permitindo assim a experiência ao pesquisador em suas coletas de informações. Silveira e Córdova (2009, p.31) apontam que “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Com isso, entende-se que pesquisa qualitativa não busca resultado de quantidade, mas um resultado de qualidade, permitindo entender o comportamento do grupo-alvo ou a identificação da hipótese problema.

Além da pesquisa ser qualitativa, ela é também uma Pesquisa-ação:

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa (FONSECA, 2002, p. 34).

Pesquisa-ação significa a forma da investigação contínua, baseada numa autorreflexão coletiva e colaborativa entre pesquisador e pesquisado.

Como afirma FONSECA:

O objetivo da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador (2002, p.33).

Para aperfeiçoar este trabalho, a importância de fundamentar uma pesquisa-ação em um estudo de caso foi um ponto para a concretização desta pesquisa.

4.1 CARACTERIZAÇÕES DO CAMPO DE PESQUISA E SUJEITOS

A instituição de ensino escolhida para esta pesquisa é da rede municipal e está localizada no município de Lagoa de Dentro-PB.

O espaço físico da Creche é composto por 1 direção, 3 salas de aula, 4 banheiros (masculino/feminino), 1 cozinha, 1 brinquedoteca (que se encontra em reforma), 2 almoxarifados, 1 refeitório e 1 parque. A Creche atende em torno de 68 criança com idade de 1 ano e 8 meses a 6 anos e são alunos de maternal, pré I e pré II, essas crianças são de pais em sua maioria analfabetos e de classe baixa.

O quadro de funcionários é composto por 3 professoras (todas graduadas em licenciatura em pedagogia), 9 monitores, 3 auxiliares de serviços gerais, 2 merendeiras, 2 porteiros, 2 auxiliares de secretária e 1 diretoria.

A turma escolhida foi o pré II que é composto por 18 alunos, entre eles 11 meninos e 7 meninas, na faixa etária de 4 a 6 anos.

4.2. ETAPAS E PROCEDIMENTOS

Data: 24 de outubro de 2019

Atividade: Apresentação e observação no campo de pesquisa.

O primeiro contato na creche se deu a partir da apresentação com a diretora em seguida foi feita a observação para a caracterização da creche e da sala de aula, logo após teve-se uma breve conversa com a professora titular, a mesma apresentou esta pesquisadora aos seus alunos e explicou a eles que iriam ter uma aula diferente no dia seguinte. E assim foi este primeiro momento.

Data: 25 de outubro de 2019

Atividade: Vigência.

A aula ocorreu de forma positiva e de acordo com o plano de aula que teve, como planejado, três etapas:

Na primeira etapa foi apresentada uma boneca negra e disse que a mesma havia confeccionado a boneca com E.V.A e de princípio eles ficaram se perguntando por que uma boneca preta? Respondi que ela era a minha personagem da história que iria contar. Em seguida perguntei a turma se eles identificavam com a boneca? Apenas um deles respondeu que sim, pois a boneca era marrom igual a ele e novamente perguntei a boneca é negra igual a você? E o garoto respondeu sim!

Com isso iniciei a leitura deleite com a literatura infantil menina bonita do laço de fita em seguida perguntei o que eles entenderam da história e assim aproveitei a roda de conversa para introduzir o preconceito de raças, pois durante a história houver uma negação em relação a cor que o personagem do texto queria ter e então um dos alunos “ falaram eu que não queria ser preto” e conversei que não precisava ser daquela maneira pois o que importava na vida não era a cor da nossa pele mas, o amor que tínhamos de dá as pessoas de verdade. Então sugerir fazer a primeira atividade que era confeccionar a própria boneca e foram utilizados lápis de diversas cores, papel A4, papel 60, cola, tesoura e palito de churrasco.

A turma amou fazer esta atividade, pois eles tinham a opção de vestir sua boneca como quisera-se e logo viram que, sem preconceito o convívio era harmonioso e durável. Na conclusão da atividade os alunos fizeram a exposição do seu trabalho. O objetivo dessa etapa era a valorização a autoestima da criança negra e contribuição para a formação de cidadãos preocupados com o respeito e a diversidade.

Por fim a pesquisadora apresentou o mapa do Brasil, apresentando suas regiões e que cada uma delas tem seus habitantes, tem seus costumes, culturas, hábitos de comidas, danças, vestimentas diferenciadas, instrumentos musicais e para que os/as mesmos (as) pudessem entender, foi trabalhado o jogo da memória, onde foi pura diversão. Pois no jogo tinha uma diversidade de

imagens que representava cada região, cada figura tinha outra igual então a turma tinha que memorizar cada figura e sua posição em seguida tinha que identificar cada uma e expor.

4.3. ANÁLISES DE DADOS

Ao concluir a aula, percebi que a experiência obtida foi de grande valor, pois foi uma aula lúdica no qual de início achava que não ia ser atrativa, mas as crianças demonstraram interesse e curiosidade. Podemos perceber a importância de inserirmos no ambiente escolar temas tão relevantes e atuais como discriminação racial, assuntos que convivemos diariamente no nosso cotidiano, porém que não possuem o seu espaço em meio a uma ampla grade curricular.

Precisamos no nosso trabalho cotidiano, incorporar o discurso da diferença não como desvio, mas como algo que enriquece nossas práticas e as relações entre as crianças, possibilitando, desde cedo, o enfrentamento de práticas de racismo, a construção de posturas mais abertas às diferenças e, conseqüentemente, a construção de uma sociedade mais plural. (ABRAMOWICZ et al., 2006, p.74)

Precisamos abordar temas sociais no ambiente escolar como uma forma de enriquecer o aprendizado de nossos alunos, e também de poder mostrar temas que irão fazer com que cresçam como cidadãos preocupados com a sociedade e com os temas sociais.

Quando iniciei a discussão, perguntei se eles/elas se identificavam com a história e com a boneca e apenas uma criança disse que sim, pois a boneca era da cor dele, já outra criança mostrou rejeição tanto à história quanto a boneca e sem querer acabou magoando o colega que se aceita ser negro, usando a expressão “eu que não queria ser preto! ”. Logo seu colega baixou a cabeça como se estivesse envergonhado por ser igual a personagem da história, então novamente a pesquisadora diz “não precisava ser assim, pois o que importava na vida não era a cor da nossa pele, mas, o amor que tínhamos de dá as pessoas de verdade”.

4.3.1. Primeira etapa

Nas imagens 1, 2, 3 e 4: Leitura deleite: Menina Bonita do Laço de Fita.

Figura 1



Fonte: Autora (2019)

Figura 2



Fonte: Autora (2019)

Figura 3



Fonte: Autora (2019)

Figura 4



Fonte: Autora (2019)

Depois da interpretação do texto e o diálogo sobre a identificação de aparência entre as crianças e a boneca, surteri a primeira atividade que era a confecção de uma boneca de papel no qual eles tinham a opção de selecionar a roupa e a cor da roupa que quisesse para a boneca. Eles ficaram muito felizes, pois puderam ver que tinham habilidades artísticas para fazer o seu próprio brinquedo.

4.3.2. Segunda etapa.

Imagens 5, 6, 7, 8, 9 e 10: Confeccção da boneca de papel.

Figura 5



Fonte: Autora (2019)

Figura 6



Fonte: Autora (2019)

Figura 7



Fonte: Autora (2019)

Figura 8



Fonte: Autora (2019)

Figura 9



Fonte: Autora (2019)

Figura 10



Fonte: Autora (2019)

Imagem 11: Expondo a sua atividade.

Figura 11



Fonte: Autora (2019)

Trabalhar a ludicidade permitiu aos alunos a compreensão da coletividade, pois ouvi da monitora um relato de que não sabe como eles/elas ficaram tão atentos na confecção das bonecas, a mesma se queixou que eles não sabem nem concluir uma atividade de pintura e que tinha ficado admirada com os resultados das crianças, pois os que estão ali na sala, todos/as se expressaram e concluíram com sucesso a boneca. A escola deve proporcionar métodos de incentivar e fazer com que desperte o interesse das crianças no

aprendizado, elas devem sentir vontade e querer cada vez mais buscar formas de conhecimento, e um método que auxilia bastante é envolver o lúdico com as práticas pedagógicas, já que, esse tipo método faz com que as crianças aprendam brincando e irá fazer com que elas tenham um maior relacionamento interpessoal com seus colegas, fazendo com haja uma maior interação, respeito, confiança, e no qual deve ser mostrado também as diferentes realidades que existem no nosso cotidiano. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil considera que educar é:

Propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (1998, p. 23).

Quando falei que a aula não tinha acabado e iríamos brincar com o jogo da memória, logo eles/elas se empolgaram e perguntaram como se brinca com isso? E expliquei que antes iria expor algumas imagens que eles precisavam aprender para depois brincarmos e todos teriam de ter muita paciência. Então apresentei o mapa do Brasil e questionei se eles conheciam uns sim e outros não, e logo o mapa tinha as regiões ilustrada, então facilitou, pois também mostrei as peças do jogo onde tinha uma diversidade de imagens que representava cada região, cada figura tinha outra igual então a turma tinha que memorizar cada figura e sua posição em seguida tinha que identificar cada uma e expor. E assim iniciamos o jogo e falei só vale ponto se encontra a imagem por igual.

4.3.3. Terceira etapa

Imagens 12 e 13: Apresentando o mapa do Brasil, sua regiões e sua diversidade racial e cultural.

Figura 12



Fonte: Autora (2019)

Figura 13



Fonte: Autora (2019)

Imagens 14, 15, 16 e 17: Brincando com o Jogo da memória.

Figura 14



Fonte: Autora (2019)

Figura 15



Fonte: Autora (2019)

Figura 16



Fonte: Autora (2019)

Figura 17



Fonte: Autora (2019)

Potanto, essa pesquisa nos mostra a importância de ensinar através da ludicidade as diversidades étnico-racial, visto que os materiais utilizados para a aula surtiram um bom resultado, tanto na construção do brinquedo quanto o jogo que foi simples mas, útil para fazer a introdução da cultura negra.

Cabe as instituições de ensino e aos docentes analisar suas práticas educativas, com a finalidade de orientar aos discentes o reconhecimento dos/das negros (as) como cultura que moveu por muitos e muitos anos a nossa economia e que fez a nossa história. E que essas crianças possam aprender a lidar com racismo, preconceito e discriminação de forma sábia e que os mesmos possam construir novas vivências tanto social quanto cultural. É através da educação que poderemos erradicar esses tipos de sentimentos que não são benéficos para a sociedade, a educação é a principal arma para obtermos uma sociedade cada vez mais igualitária e um país cada vez mais consciente que as diferenças sociais não nos leva a lugar nenhum. A escola educa, e com educação vem inúmeros valores importantes para vida em comum.

De acordo com Brasil (2004):

A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. (2004, p.7)

Esta pesquisa nos mostrou a importância de trabalhar o ensino étnico-racial com o objetivo de promover uma valorização não só à nossa cultura, mas aos povos negros (as) que durante anos fizeram a nossa história, pois ensinar é proporcionar ao nosso aluno uma ampla formação e conhecimento.

Proporcionar o ensino étnico-racial na educação infantil não foi um acaso, pois sabemos que é na base que os nossos alunos levam para a vida toda uma bagagem que vai se aperfeiçoando durante os anos, dessa forma o ato de ensinar e aprender possibilita na criança valorizar o ser diferente ou igual possibilitando aos mesmos uma interação, socialização e uma boa convivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este trabalho, ressaltamos a importância da ludicidade no que diz respeito ao resgate e valorização da diversidade étnico-racial e cultural visto que o trabalho lúdico além de facilitar a compreensão dos temas abordados, contribui para uma maior interação entre os participantes do processo de ensino aprendizagem, uma vez que a dinâmica utilizada em sala de aula irá aproximar o docente e discentes, assim como quebrar quaisquer barreiras sociais ou raciais que possam existir no ambiente educacional.

Uma vez que em meio ao processo de observação realizado, percebemos a ausência de materiais que mencionam o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira correspondente a lei nº 10.639/03, visto que torna-se imprescindível levar em nossas salas de aula a história de povos que construíram os nossos antepassados e hoje são parte da identidade brasileira. Em meio a estes fatos podemos dizer que o ensino das escolas brasileiras ainda necessita adaptar-se a mudanças que são essenciais em nossa formação como ser crítico. Tomamos conhecimento que os discentes possuem contato com o estudo da cultura africana apenas em datas comemorativas, o que nos leva a repensar a estrutura curricular lecionada trazendo assim novos objetivos que contribuem para o desenvolvimento do estudo da nossa herança cultural.

Ao fim desta pesquisa consideramos que precisamos como educadores contribuir para inserção da igualdade em meio a nossa sociedade, moldando nossa forma de pensar e adequando as nossas estratégias de ensino de forma inovadora e igualitária. Dessa maneira, trazemos como auxiliares pedagógicos os jogos disciplinares que acarretarão em grandes resultados positivos, visto que a medida que se diverte também se aprende.

Sabendo que a escola é uma ponte mediadora de conhecimentos na qual tem o papel de formar cidadãos e prepará-los para os desafios da vida, precisamos como mediadores do conhecimento estar cientes das nossas responsabilidades e buscar da melhor forma possível mostrar aos nossos aprendizes o valor da diversidade cultural a qual fazemos parte, e a nossa miscigenação com o objetivo de formarmos cidadãos críticos e democráticos que contribuam para a transformação social.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter Roberto; OLIVEIRA, Fabiana; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. *Trabalhando a diferença na educação infantil*. São Paulo: Moderna, 2006.

BASTOS, Maria Helena Camara - *A EDUCAÇÃO DOS ESCRAVOS E LIBERTOS NO BRASIL: Vestígios esparsos do domínio do ler, escrever e contar (Séculos XVI a XIX)*. PPGE-PUCRS, 2016.

BEATO, Joaquim. *Um novo milênio sem racismo na Igreja e na sociedade*. CENACORA, 1998.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, out. 2004.

BRASIL. Parece Nº3, de 10 de março de 2004. Ministério da educação _ conselho nacional da educação. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, mar. 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf - Acesso em 11 de set. de 2019 às 18:30.

CAVALCANTI, Alcicleide Lira. *O lúdico como forma de aprendizagem da cultura Africana e Afro-Brasileiro: Estudo de caso numa escola municipal da cidade de Guarabira*. – Guarabira: PB. UEPB, 2019

COMAS, Juan. *Os mitos raciais. Raça e Ciência I*. Coleção Debate, 1970.

FONSECA, Marcus Vinícius / BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (Orgs). *A história da educação dos negros no Brasil*. – Niterói: EdUFF, 2016. 442p.

FONSECA, J.J.S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1987.

GALVÃO, Marcos Paulo. *A presença do racismo na escola pública: um olhar para o quinto ano das escolas Municipais, Irmã Maria Assunta Vieira e Professora Bernadete Marques de Souza Ginane*. - Caicó: UFRN, 2016.

LIMA, Adriana Flávia S. de Oliveira. *Pré-escola e alfabetização: uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget*. Petrópolis: Vozes, 1987.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Piaget para principiantes*. São Paulo: Summus Editorial, 1980

LOPES, V. N. *Racismo, Preconceito e Discriminação: Procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos*. In: MUNANGA, K.

Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da educação, secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005, 2 ed.

MOYLES, J. A pedagogia do brincar. Revista Pátio Educação Infantil, ano VII, n. 21, nov. dez. 2009.

SANTOMÉ, J.T. Culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T.T. Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2009.

RAU, M. C. T. D. A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica. Curitiba: *ibpex*, 2011.

SANTOS, Joel R. A questão do negro na sala de aula. Coleção na Sala de Aula, 1990.

SANTOS, Joel R. O que é racismo. Coleção Primeiros Passos, 1984.

SILVA, Eva Dina do Nascimento. A questão étnico-racial na educação infantil: fomentando novas práticas pedagógica. UEPB. Campina Grande – PB. 2014.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Métodos de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SITE: [significados.com.br](https://www.significados.com.br) - Disponível em: <https://www.significados.com.br> - Acesso em 19 de out. de 2019 às 09:28.

VYGOTSKY, Lev. “ Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem” São Paulo: Ícone/ EDUDP, 1988.

APÊNDICE

APÊNDICE I – Plano de Aula

Instituição de Ensino: Creche Casulo Edvirges Costa
Modalidade / Nível de ensino: Pré II
Faixa Etária: 4 à 6 anos
Disciplina: Língua Portuguesa, Arte e Geografia.

Conteúdo: Diversidade étnico-racial

Objetivo geral: Desenvolver atividades visando o reconhecimento e o respeito pelas diversidades.

Objetivo específico:

- Contribuir para a formação de cidadãos preocupados com a coletividade;
- Reconhecer a importância do respeito pelas diversidades étnico-raciais;
- Valorizar a autoestima das crianças negras.

Metodologia:

1º etapa:

- Leitura deleite com a literatura infantil Menina bonita do laço de fita;
- Debate e perguntas.

2º etapa:

- Confeção da sua própria boneca;
- Exposição das atividades.

3º etapa:

- Mostrar um mapa do Brasil e falar da diversidade de culturas no nosso país. Explicar que em cada região há pessoas com características diferentes em relação a como que vivem, se alimentam, se vestem, etc.

Recursos

- Livro de história;
- Folha A4;
- Lápis de colorir;
- Cola e Tesoura;
- Palito de churrasco;
- Jogo.

Avaliação:

- Observação contínua e periódica, através da confecção da boneca e do jogo.

Referencia:

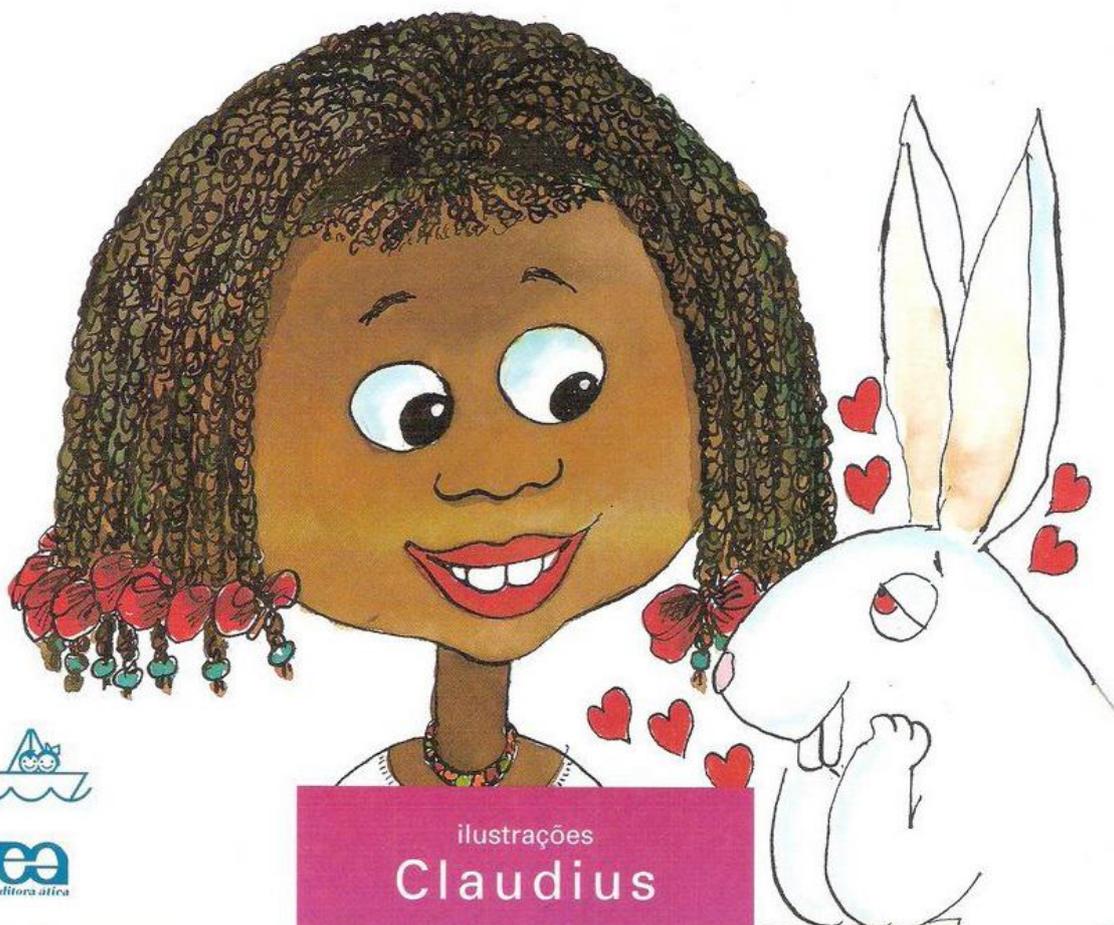
MACHADO, Ana Maria – Menina bonita do laço de fita. Ed. Ática. Rio de Janeiro. 2000.

ANEXO

ANEXO I – Capa do livro usado na aula.

Ana Maria
Machado

Menina bonita do laço de fita



ea
editora ática

ilustrações
Claudius

ANEXO II – Texto: Menina bonita do laço de fita.

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

(Ana Maria Machado)

Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva.

Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

E, havia um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida. E pensava:

- Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...

Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

- Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela.

Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.

O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi. Mas não ficou nada preto.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.

O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia e... Já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

- Artes de uma avó preta que ela tinha...

Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar.

Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça.

Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.

Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado.

E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava:

- Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

E ela respondia:

- Conselhos da mãe da minha madrinha...